

Parceria para aprimorar a aprendizagem

Escolas experimentam a participação dos alunos na elaboração de material didático e ampliam o interesse de todos pelo ensino

Humberto Rezende
Especial para o **Correio**

Quando os alunos chegam para o primeiro dia de aula, já trazem um livro, escolhido pelo professor, que será usado durante o ano. Esse material didático geralmente traz "verdades definitivas" e cabe aos alunos aprendê-las. Como os livros não respeitam a individualidade de cada um, muitos estudantes encontram dificuldades para se interessar pela matéria.

Inverter o processo — livro adotado, aluno estudando — nem sempre é fácil. Mas, para tornar suas aulas mais atraentes, alguns professores resolveram subverter a ordem e incentivar as crianças a estudarem para produzir seu próprio material, a partir do conhecimento desenvolvido ao longo do ano.

"Como sei que meus trabalhos podem ir para um livro e ficar expostos, faço com mais capricho", diz Elizabeth Peschke, 12 anos, aluna da 6ª série da Escola Municipal Machado de Assis, em Blumenau (SC). O livro a que ela se refere é *O Nossa Livro de Ciências*, que o professor Edson Schroeder edita todos os anos, de forma artesanal, e que reúne redações, desenhos e relatórios que seus alunos fazem durante o ano.

Edson adotou essa forma de ensino em 1989, quando leu *A Paixão de Conhecer o Mundo* (Paz e Terra), de Madalena Freire, filha do educador Paulo Freire. "Na obra ela relata sua experiência em sala de aula e como produziu um livro com seus alunos. Achei interessante e resolvi tentar", lembra o professor. Deu resultado. "Eu já tinha visto as outras turmas fazendo e torcia para estudar com ele e poder participar também", conta Elizabeth.

No começo do ano, Edson mostra aos alunos os volumes produzidos pelas turmas anteriores, que ficam expostos na biblioteca da escola. A partir daí, com todos cientes do objetivo do trabalho, as tarefas vão sendo guardadas em uma caixa para que, no final do ano, professor e alunos decidam quais devem entrar no livro. "Essa seleção é necessária porque mais de uma turma participa", explica Edson.

O método permite a cooperação de professores de outras matérias. Na Escola Machado de Assis, a professora de Português, Vera Kadletz,

corrigiu as redações junto com os alunos, e a professora de Educação Artística, Rosana Heuer, os ajuda a desenhar plantas e animais, que podem ilustrar a obra.

PREÇO SIMBÓLICO

Uma vez selecionado o que vai fazer parte do livro, o próprio Edson digita o material. A escola paga o xerox e a encadernação de 100 volumes, que são vendidos a preço simbólico para os pais e amigos dos estudantes convidados para a festa de lançamento. Nesse evento, regado a guaraná e pipoca, os alunos apresentam peças com temas relacionados ao meio ambiente.

Para a pedagoga Maria do Socorro Lima, do Centro de Estudo, Pesquisa e Atendimento Global da Infância e Adolescência (Cepagia), em Brasília, o maior mérito desse trabalho é estimular a auto-estima do aluno. "A criança percebe que pode ser criadora e que há um reconhecimento social para aquilo que ela produziu", avalia. "O grande problema dos livros didáticos é não respeitar a subjetividade de cada estudante."

Maria do Socorro acredita que esse tipo de trabalho pode ser adotado para todas as idades, e cabe ao professor adaptá-lo à realidade e limitações do grupo. A professora Maria Eugênia de Fátima Leal, do colégio Logos, em São Paulo, incentiva seus alunos de 2ª série a escreverem o próprio livro de contos. É a forma que ela encontrou de ensinar para as crianças o que é uma narrativa e quais são suas características.

A partir de um livro de histórias — contos, fábulas, lendas —, adotado no início do ano, Maria Eugênia "desmonta" as narrativas junto com os alunos. "Peço para eles identificarem elementos comuns entre os vários textos. Eles apontam semelhanças como a presença de um herói, o surgimento de um problema ou, no caso de contos de fadas, a intervenção de seres mágicos", explica a professora.

Outros exercícios são propostos. As crianças são incentivadas a dar um novo título para a história que leram naquele dia, reescrever um parágrafo ou imaginar um novo final. Depois elas estarão prontas para escrever o próprio texto. A reunião de todos os trabalhos termina em um volume inédito de autoria dos alunos.



Maria Eugênia, professora do Logos, em São Paulo: incentivando os alunos a escreverem o próprio livro de contos como forma de ensinar o que é narrativa

PARA ADOTAR O MÉTODO

■ O professor deve deixar claro desde o início para os alunos que o objetivo do trabalho é a confecção de um livro

■ A cada novo passo, os estudantes podem ser informados em que estágio do livro eles estão

■ Um cartaz, com o cronograma, pode ser pregado na parede da sala. Esse cronograma pode ser alterado, para não limitar o trabalho

■ É importante deixar que os alunos participem das decisões durante o processo, como mudar o cronograma, decidir se o livro vai ser

digitado ou manuscrito, que trabalhos farão parte do volume (caso o material seja muito vasto)

■ Os alunos podem produzir desenhos para ilustrar o livro. Esse trabalho pode ser feito com a ajuda do professor de Educação Artística

■ É interessante organizar uma festa de lançamento do livro, convidando pais e amigos

■ Um volume do livro pode fazer parte do acervo da biblioteca da escola, para que as novas turmas tenham idéia de qual é o resultado que atingirão

mas é importante deixar que os alunos participem das decisões", acredita. Por isso, o cronograma que ela prega na parede da sala, mostrando as etapas do trabalho, está sempre sujeito a alterações.

Os alunos decidem também que formato o livro vai ter, se será digitado ou manuscrito e quais desenhos irão ilustrá-lo. "A intenção não é apenas despertar o interesse dos alunos em ler e escrever e trabalhar a gramática. Queremos também formar pessoas participativas e críticas, mostrar que eles podem ter opinião própria sobre cada assunto", diz Maria Eugênia, que já ajudou seis turmas a produzirem seus livros.

Ela se empolga quando fala sobre como as crianças se sentem produzindo seus próprios contos. "Uma aluna me disse que se sentia como uma estudante de colegial e outra, uma verdadeira escritora", conta.

presas e saber que os alunos podem mudar o rumo do projeto, já que são eles que estão construindo o

conhecimento", analisa.

Maria Eugênia concorda com ela. "Claro que eu sei onde quero chegar,